

# ESCONDERIJOS DO TEMPO E DA MEMÓRIA

**Prof<sup>a</sup> Dr. Maria Braga - ULBRA**

O tempo, transitório e fugaz, só pode ser apreendido na memória.

Para o filósofo grego Aristóteles, a memória é uma fruição da imagem, que, segundo ele, é ampliada pela reflexão e leva ao condicionamento do passado como tal, que é a recordação. Sendo a recordação propriedade exclusiva do ser humano, recordar implica, necessariamente inteligência, pois que ajuda o reconhecimento de um tempo que é passado.

Santo Agostinho, em suas *Confissões*, propõe uma definição do tempo como inseparável da psiquê. Ele destaca que o homem não só nasce e morre “no” tempo, mas, sobretudo, possui a consciência da sua condição temporal e mortal. Desse modo, somente através de uma reflexão sobre a temporalidade pode-se alcançar uma reflexão não aporética do tempo.

No que se refere aos acontecimentos ou aos fatos em si mesmos para uma reflexão sobre as imagens que deixam na alma, Santo Agostinho diz:

Ainda que se narrem os acontecimentos verídicos já passados, a memória relata, não os próprios acontecimentos que já decorreram, mas sim as palavras concebidas pelas imagens daqueles fatos, os quais, ao passarem pelos sentidos, gravaram no espírito uma espécie de vestígio.[\[8\]](#)

Nesse confronto de tempo e memória pode-se sentir a nostalgia do autor que escreve para viver através da memória. As memórias literárias não passam apenas pelo crivo daquele que lembra, mas também pelo narrador, que traz para o texto um feixe de experiências de linguagem, as quais são revigoradas por possibilidades líricas.

Assim, a expressão de tempo em um texto de caráter subjetivo extrapola o real vivido, tornando difícil chamar de realidade o passado, já que não é possível isolar ou definir com precisão esse passado. As memórias literárias escritas conferem ao texto certas garantias de realidade, mas elas são construídas muito mais pelas possibilidades de invenção criativa. Nessa perspectiva, existe uma troca entre o real e o imaginário, existindo mais espaço para a fantasia.

As memórias são um tipo de escrita que procuram presentificar o passado, na tentativa de recuperar os fatos e as pessoas no contexto temporal, não deixando que a inexorabilidade do tempo e o esquecimento apaguem as imagens retratadas cuidadosamente. O sujeito que recorda, nas memórias escritas, constitui-se num controlador da autoria, sendo um manipulador da função estética, dramática e lírica de todas as suas lembranças, em torno do desdobramento do sujeito que viveu.

O ato de recordar pertence ao presente, mas o reencontro com os entes queridos e com os espaços vivenciados transporta o autor para um tempo passado, permitindo, assim, que ele o reviva, religando o princípio e o fim – esse percurso é a totalidade criadora.

Mário Quintana, em *Esconderijos do tempo*, desce ao fundo de si mesmo, na medida em que o presente busca as referências no passado e o homem, enquanto vivo, define a sua identidade através do culto e da lembrança dos seus antepassados.

Os poemas que compõem *Esconderijos do tempo* possuem referências ao tempo e à memória que levam o leitor a buscar nos recônditos de um passado distante as motivações que conduziram o poeta a construir sua obra. O poema *Intermezzo*, por exemplo, refere-se ao tempo:

Nem tudo pode estar sumido

ou consumido...

Deve – forçosamente – a qualquer instante,

formar-se, pobre amigo, uma bolha de tempo nessa Eternidade... (p. 106)

O poeta fala em eternidade, isto é, refere-se ao tempo eterno na perspectiva da arte, pois a bolha é o espaço da criação, este intocável e perene na medida em que a arte a vida se eterniza na arte, nessa bolha de que fala o poeta.

Em *Vida*, Quintana reanima a paisagem apreendida em sua memória para buscar as marcas que o fizeram recordar, como as árvores, as esquinas – elementos da paisagem familiar e tão dele, coisas que eram parte de sua vida.

Não sei

o que querem de mim essas árvores

essas velhas esquinas

para ficarem tão minhas só de as olhar um momento.

Ah! Se exigirem documentos aí do Outro Lado,

extintas as outras memórias, só poderei mostrar-lhes as folhas soltas de um álbum de imagens:

aqui uma pedra lisa, ali um cavalo parado

ou

uma

nuvem perdida,

perdida...

Meu Deus, que modo estranho de contar uma vida! (p. 107)

O tempo revela-se desde o 4º verso, *para ficarem tão minhas só de as olhar um momento* – quando a retina do poeta registra a imagem da árvore para retê-la para sempre, pois quando da sua morte, ele destaca, ao pedirem documentos do outro lado da

vida, para a entrada no outro mundo, nos versos 6 e 7: *extintas as outras memórias, só poderei mostrar-lhes as folhas soltas de um álbum de imagens...* a memória que resta ao poeta, como documento, são as imagens, uma pedra lisa, um cavalo ou uma nuvem perdida. Elementos do mundo, cada um pertencente a uma instância da natureza. A pedra representa o reino mineral, duradouro e resistente; já o cavalo é o representante do mundo animal, com tempo de vida determinado, ainda que mais resistente que o homem, e a nuvem, perdida, elemento fugaz, de formação breve.

Em *Os poemas*, Mário Quintana, do mesmo modo, utiliza-se de metáforas para poetar o tempo, quando diz:

Os poemas são pássaros que chegam  
não se sabe de onde e pousam  
no livro que lê.

Quando fechas o livro, eles alçam vôo  
como de um alçapão.

[...]

E olhas, então, essas tuas mãos vazias,  
no maravilhado espanto de saberes  
que o alimento deles já estava em ti...

Para Quintana, os poemas são como pássaros, isto é, livres representantes da alma, que se liberta do corpo, segundo os brâmanes, estabelecendo a intermediação entre a terra e o céu. Assim, o tempo não é medido, simplesmente sentido e apreendido na memória, os primeiros versos ilustram: *Os poemas são pássaros que chegam ... Quando fechas o livro, eles alçam vôo/ como de um alçapão.* O que resta do tempo são os registros guardados na memória – os pássaros revelam esse tempo e os poemas escritos, a memória. O último verso, *o alimento deles já estava em ti*, culmina, de fato, com a certeza de que o importante é o registro das impressões que brotam da alma de quem narra e o resultado é a criação de tantos quadros, ou poemas, quantos se fizerem necessários.

*Esconderijos do tempo* constitui-se em uma reunião de poemas que tratam das lembranças guardadas ou resguardadas, todas, porém, como metáforas da vida daquele que sabia poetar seus sentimentos. O poema, *O baú*, revela outra visão dessa vida:

Como estranhas lembranças de outras vidas,  
que outros viveram, num estranho mundo,  
quantas coisas perdidas e esquecidas  
no teu baú de espantos... Bem no fundo,  
uma boneca toda estraçalhada!

[...]

E em vão tentas lembrar o nome dela...

e em vão ela te fita... e a sua boca

tenta sorrir-te, mas está quebrada!

Nesse poema, o poeta fala das lembranças de outras vidas – as vidas de outros, tudo reunido *no teu baú de espantos*. O baú, imagem recorrente na obra de Quintana, refere-se a um depósito de objetos, lugar sagrado, pois que abriga os guardados de uma vida, fragmentos que possuem história, tempo, memória. Para os antigos hebreus, o baú era o suporte da presença divina, análogo ao tabernáculo, lugar sagrado.

O quinto verso, *uma boneca toda estraçalhada*, mostra o conteúdo do baú, com coisas do mundo feminino que o poeta tenta desvendar a seguir, nos versos 12 e 14: *e em vão tentas lembrar o nome dela.../mas está quebrada!* Quer dizer que o mistério não se resolve porque os indícios não podem revelar a história contida no baú de espantos, pois a boneca que fita e tenta sorrir não pode ir além disso, pois está com a boca quebrada. Assim, a história pode ser vista sob o enfoque do olhar da boneca.

Nessa perspectiva, as recordações surgem sob a forma de impressões visuais, mesmo as formações espontâneas da memória são imagens permanentes que passam a ser compreendidas no momento em que a criação se encarrega de traduzir os sentimentos.

O poema *Ray Bradbury*, do mesmo modo, contém imagens temporais, como se pode ler no fragmento que segue:

Eu queria escrever uns versos para Ray Bradbury,

[...]

Era no tempo das verdadeiras princesas,

nossas belíssimas namoradas

[...]

Era no tempo dos reis verdadeiramente heráldicos como

os das cartas de jogar

[...]

Era no tempo em que o cavaleiro Dom Quixote

Realmente lutava com gigantes,

[...]

Ray Bradbury é nossa segunda vovozinha velha

Que nos vai desfiando suas histórias à beira do abismo

- e nos enche de susto, esperança e amor.

Os versos revelam que as referências ao tempo guardam a memória, como as histórias contadas: *Era no tempo das verdadeiras princesas* (verso 7); *era no tempo dos reis* (verso 10); *era no tempo em que o cavaleiro Dom Quixote* (verso 12) e, assim, essas voltas ao passado recontam a história sob o olhar do poeta.

Os versos finais confirmam que a evocação do passado, através do tempo, contém parte da história de vida do poeta e possui o tempo como autor principal porque este artista, sábio na sua interpretação e sensível a ponto de reconhecer os modelos, trabalha lentamente, como se retivesse os detalhes na memória e, aos poucos, fosse completando sua obra até chegar à semelhança com a imagem real.

Outro poema que integra *Esconderijos do tempo, Crônica*, contém versos que mostram as revisitas que o poeta faz ao passado: *O tempo se desenrolava como um rio por entre as casas de porta e janela/Pequenas vidas/Pequenos sonhos*. Aqui o poema, como uma tela, assume a configuração de uma pintura impressionista com tons esfumados e ausência de fronteiras, pois o tempo escapa dos limites apreendidos pelo olhar e corre sutilmente por entre as casas que compõem a paisagem focalizada na memória de quem conta.

Ainda, em *O poeta canta a si mesmo*, outras referências ao tempo são demonstradas especialmente na segunda estrofe do poema:

O poeta canta a si mesmo

porque num seu único verso

pende – lúcida, amarga –

uma gota fugida a esse mar incessante do tempo...

Sempre o tempo permeando a inspiração. Esse tempo que, fugaz enquanto não apreendido na memória, pode transformar o curso da história na medida em que permite ao poeta buscar, nas profundezas do mar, o sentido para sua obra de arte.

O poema *As mãos de meu pai* constitui-se em uma ode à memória, à história e ao tempo como mestre desse andar de Quintana. Os versos abaixo confirmam:

As tuas mãos têm grossas veias como cordas azuis

sobre um fundo de manchas já da cor da terra

- como são belas as tuas mãos

- pelo quanto lidaram, acariciaram ou fremiram da nobre

cólera dos justos...

Porque há nas tuas mãos, meu velho pai, essa beleza

que se chama simplesmente vida.

E, ao entardecer, quando elas repousam nos braços da

tua cadeira predileta,

uma luz parece vir de dentro delas...

[...]

E é, ainda, a vida que transfigura as tuas mãos nodosas...

essa chama de vida – que transcende a própria vida

... e que os Anjos, um dia, chamarão de alma.

*As mãos de meu pai* mostram, de modo concreto, o curso da vida, *paripassu* – como um retrato que permanece no tempo pela apreensão do momento. O poeta vê na figura paterna a própria vida e, assim, pode contar a história de si porque se vê no outro com a si mesmo para compor seu objeto de arte, expressão maior do artista.

Quintana, em *Esconderijos do tempo*, remete-se ao passado, construindo sua obra como se fossem quadros e a moldura destes não obedece aos limites da tela que é elástica na proporção que a pintura toma vida e penetra na realidade. Tudo contribui para recriar imagens que a vida abandonou e que só a imaginação pode reanimar: o tempo interior vivido entre emoções, sentimentos e, especialmente, no cotidiano da vida.

Mário Quintana, na busca incessante da escrita, percorre os caminhos nem sempre claros da introspecção para registrar sua memória através da arte, pois pela via da criação ele consegue segurar o tempo.

## **BIBLIOGRAFIA**

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GENETTE, Gerard. *Discurso da narrativa*. Tradução por Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, 1995.

QUINTANA, Mário. *Esconderijos do tempo*. São Paulo: Globo, 1995.

\_\_\_\_\_. *Quintana de bolso*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

WILLEMART, Philippe. *Bastidores da criação literária*. São Paulo: Iluminuras, 1999.